

O olhar do jornalismo sobre a Economia Verde: estudo a partir da cobertura da Rio+20 pelos portais G1, UOL e Terra¹



Ilza Girardi

*Doutora em Ciências da Comunicação pela USP
Professora do Programa de Pós-graduação da UFRGS
E-mail: ilza.girardi@ufrgs.br*

Cláudia Herte de Moraes

*Mestre em Ciências da Comunicação pela Unisinos
Professora do Departamento de Ciências da
Comunicação da UFSM
E-mail: chmoraes@gmail.com*

Eloisa Beling Loose

*Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS
E-mail: eloisa.loose@gmail.com*

Gisele Neuls

*Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS
E-mail: gisele.neuls@gmail.com*

Carine Massierer

*Mestre em Comunicação e Informação pela UFRGS
E-mail: cmassierer@yahoo.com.br*

Ângela Camana

*Graduada em Comunicação Social pela UFRGS
E-mail: angela.camana@hotmail.com*

Laura Gertz

*Graduada em Comunicação Social pela UFRGS
E-mail: laura.gertz@yahoo.com.br*

Resumo: Apresenta a forma como o termo economia verde foi utilizado na cobertura da Rio+20 nos portais de notícias G1, UOL e Terra. A análise foi realizada a partir do referencial teórico do jornalismo ambiental e das correntes da economia que incorporam o meio ambiente. Aponta a confusão conceitual em relação ao termo, bem como a necessidade do jornalismo romper com a superficialidade e discutir melhor o conceito.

Palavras-chave: economia verde, Rio+20, jornalismo ambiental.

Periodismo y Economía Verde: la cobertura de portales de noticias G1, UOL y Tierra acerca de Rio +20

Resumen: Muestra cómo se utiliza el término economía verde en la cobertura de Rio +20 en los portales G1, UOL y Terra. El análisis se realizó a partir del marco teórico del periodismo del medio ambiente y la economía que incorpora el medio ambiente. Señala la confusión conceptual sobre el término y la necesidad de romper con la superficialidad periodística y discutir mejor el concepto.

Palabras clave: economía verde, Rio +20, periodismo del medio ambiente.

Journalism and the Green Economy: the Rio +20 through the news websites G1, UOL and Terra

Abstract: Reflects on how journalism presents the green economy in the coverage of Rio +20 in the news portal G1, UOL and Terra. It is based on the theoretical references of environmental journalism and on the economic theories that incorporate the environment. Points out the conceptual confusion regarding the term, as well as the need for journalism to break with the superficiality and discuss further the concept.

Keywords: green economy, Rio +20, environmental journalism.

¹ A primeira versão deste texto foi apresentada em uma mesa sobre a Rio+20 no 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, que ocorreu em novembro de 2012 na Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em Curitiba.

Introdução

A economia verde esteve no centro dos debates ocorridos durante a Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, a Rio+20, que aconteceu em junho de 2012, no Rio de Janeiro. Vista como uma solução para os graves problemas socioambientais que assolam o planeta, a economia verde (EV) não desperta a simpatia de todos.

*A economia verde é
mais uma forma
pela qual a teoria
neoclássica se
reinventa diante
do quadro de crise
socioambiental*

Seus críticos a consideram mais uma maquiagem do que uma medida efetiva para o alcance da sustentabilidade, já que o modelo capitalista alimenta-se da exploração do homem e da natureza. Um debate sério como este, que pretendeu traçar rumos a serem seguidos por todos os países, deveria contar com a participação da sociedade, que, em sua maior parte, recebe informações sobre o tema através da imprensa.

Em razão do importante papel da imprensa em levar ao público informações que sejam relevantes para a sua tomada de decisão este artigo analisa a cobertura *online* sobre a Rio+20 para verificar se a economia verde foi problematizada de modo a esclarecer seus públicos. Foi examinado o material publicado de 10 de abril até 22 de junho,² em espaços específicos criados pelos portais de notícias G1, UOL e Terra, a fim de observar de que forma o leitor

² O portal G1 foi o último dos três a criar uma editoria específica sobre Rio+20, lançada no dia 10 de abril. O período foi escolhido a partir desta data para que se acompanhasse a cobertura dos três portais de forma equivalente. O evento ocorreu de 13 a 22 de junho.

foi informado sobre o que é economia verde. Para tanto, fez-se uma análise integrada de elementos quantitativos e qualitativos sempre tendo em vista a compreensão e a discussão da citada expressão construída pelos portais.

Os referidos sites foram escolhidos em função de sua audiência. O *ranking* mensal feito pelo Ibope Nielsen, referente ao mês de março de 2012, mostra que o UOL é o portal de notícias mais acessado pelos brasileiros, contabilizando 34.324 milhões de visitantes únicos em março, seguido pelo Globo.com (que hospeda o G1), que fechou o período com 29.619 milhões de visitantes, e o Terra, que teve um total de 29.508 milhões de visitantes no período.

Economia verde ou ecológica?

A Rio+20 anunciou como objetivo a renovação do compromisso político com o desenvolvimento sustentável, por meio da avaliação do progresso e das lacunas na implementação de decisões adotadas pelas cúpulas anteriores e do tratamento de temas emergentes. Seus dois temas oficiais foram a reforma da governança do desenvolvimento sustentável e a economia verde no contexto do desenvolvimento sustentável e da erradicação da pobreza (Brasil, 2012). Embora o termo “economia verde” frequente documentos oficiais, estudos e relatórios há algum tempo, ele tornou-se popular na imprensa – e, assim, no âmbito social –, a partir de sua inserção como tema de discussão da Rio+20. O conceito está inscrito em um campo de disputa entre diferentes correntes de pensamento, especialmente a da ecologia profunda e do capitalismo. Essa disputa ficou visível quando a Cúpula dos Povos posicionou-se contra a economia verde, vista como uma nova forma de neocolonialismo capitalista.

Na perspectiva capitalista dominante, desenvolvimento se confunde com crescimento econômico, sendo equivalente à riqueza. Esta abordagem responde aos limites ecológicos classificando-os como problemas ambientais

solúveis com o uso da tecnologia apropriada, e se atualiza na forma do desenvolvimento sustentável (Veiga, 2008). A ideia de economia verde, alinhada a esta perspectiva, surge no final da década de 1960, quando a degradação ambiental entra na agenda pública. Nesta época, surge a corrente chamada de economia ambiental que compreende a poluição como externalidade negativa no processo econômico e foca na alocação ótima dos fatores de produção e na precificação dos seus danos. A economia ambiental é uma vertente da economia neoclássica,³ ainda hegemônica, que busca compensar os efeitos negativos derivados dos rejeitos da produção por meio do preço. A economia ambiental internalizou as externalidades negativas, que eram ignoradas pela teoria neoclássica.

Outra vertente direta da corrente neoclássica é a economia dos recursos naturais, que analisa os recursos como fonte de matérias-primas que darão origem aos bens e serviços econômicos. Foca-se nos aspectos ligados à extração e exaustão de recursos naturais ao longo do tempo, visando o seu uso ótimo. Preocupa-se como a eficiência da utilização dos recursos naturais, considerando apenas a lógica de mercado. Segundo Daly (1991), esta corrente tende a apoiar a visão na qual os recursos naturais não são um fator de restrição ao crescimento econômico. Esta afirmativa assegura que não existe uma mudança, de fato, na maneira de se pensar a relação meio ambiente-economia.

Em oposição a essa perspectiva, está o pensamento anticapitalista, oriundo da abordagem marxista, que classifica a ideia de desenvolvimento como uma forma de dominação e aponta que, com os recursos naturais existentes neste planeta, não é possível que todos os países se tornem desenvolvidos com

o mesmo padrão capitalista (Porto-Gonçalves, 2006). Para esta corrente, só haverá sustentabilidade fora do capitalismo.

A economia ecológica, espécie de terceira via ou caminho do meio entre a concepção neoclássica e a anticapitalista, aparece a partir do fim dos anos 1980, combinando conceitos provenientes das ciências naturais e das ciências sociais. Passa também a considerar outras variáveis, como a valorização dos saberes tradicionais, a defesa do valor intrínseco da natureza, a integração do capital social às dinâmicas demográficas e percebe que o crescimento econômico pode não significar qualidade de desenvolvimento. Diferente das vertentes ditas ambientais da economia neoclássica, a ecológica enxerga as falhas da economia hegemônica e reconhece a existência de restrições biofísicas para o crescimento econômico. Porém, sua sugestão para superação do colapso socioambiental está muito atrelada a aspectos técnico-científicos e a mecanismos já utilizados pelas demais vertentes derivadas da teoria neoclássica.

Conforme Andrade (2008) a principal diferença entre a economia ambiental e a ecológica está na hipótese ambiental adotada, pois para a neoclássica – a da economia ambiental e verde – o meio ambiente é neutro e passivo, enquanto seu instrumental está voltado para a mensuração dos impactos negativos causados pelo sistema econômico. Já a economia ecológica rejeita esta visão e considera que ela leva a uma análise parcial e reducionista das interfaces entre economia e meio ambiente. Assim, a economia ecológica faz uma crítica ao crescimento ilimitado, embora se perceba que, na prática, ela não avance muito em relação às demais.

Esta revisão das correntes de pensamento econômico revela que a economia verde é mais uma forma pela qual a teoria neoclássica se reinventa diante do quadro de crise socioambiental. É uma outra tentativa, baseada em fundamentos da economia ambiental, para se manter o fluxo de bens e serviços em crescimento, compensando financeira-

³ A interpretação neoclássica desconsidera a existência da problemática ambiental ou tende a minimizar suas consequências. Para esta perspectiva econômica, o meio ambiente se restringe a uma fonte inesgotável de recursos naturais necessários para a produção de mercadorias, assim como depósito de resíduos, e as relações econômicas estão baseadas na satisfação gerada nos indivíduos por determinadas coisas.

mente os danos atrelados a essa lógica. Há nesta corrente uma crença muito grande que a tecnologia e a inovação poderão resolver os problemas do futuro – algo, no entanto, que se confronta com o princípio da precaução. Como não busca diminuir o crescimento, pois crê que a ciência resolverá o problema das limitações físicas dos recursos naturais e dos problemas gerados pela poluição, é mais uma maneira de reforçar a ideia de crescimento econômico.

O olhar do jornalismo ambiental

Entende-se o jornalismo ambiental como o trabalho de apuração de fatos e produção de notícias que, sendo voltado ao tema ambiental, é convocado a direcionar um olhar diferenciado sobre a realidade a ser relatada. Busca a inclusão da perspectiva holística e sua conexão inequívoca com o todo, produzindo notícias mais contextualizadas e menos fragmentadas. Desta forma, o jornalismo ambiental parte de uma nova concepção teórica-prática centrada no agir e no pensar o jornalismo, a partir da ótica da sustentabilidade do planeta, buscando a ampliação do número de fontes da área a serem consultadas, o aprofundamento do conteúdo e a abordagem qualificada das notícias de meio ambiente. Desta forma, assume-se a perspectiva descrita por Girardi *et al* (2010), na qual este jornalismo é concebido de forma mais ampla, crítica e plural, incorporando a visão sistêmica e o pensamento complexo.

Considerando-se que a sociedade contemporânea é baseada no pensamento cartesiano, para repensar em termos de relações, padrões e contextos faz-se necessário romper com as barreiras impostas por este modelo, em que a natureza é tomada como algo inesgotável e não em interação com o homem. Por isto, Trigueiro (2003:77) afirma que é necessário que os jornalistas promovam a discussão ambiental por meio do resgate do “sentido holístico e do caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento”.

A partir da ideia deste jornalismo mais integrador, observou-se na cobertura *online* da Rio+20 qual foi a compreensão sobre o que é economia verde utilizada nas notícias e explicitadas ao público. Apesar da brevidade presente em todas as fases de constituição de uma notícia, considerada como um fator limitante para empregar às matérias de meio ambiente maior complexidade, e da rapidez com que se move a circulação das notícias no jornalismo *online*, entende-se que por ser uma conferência de meio ambiente alguns princípios do jornalismo ambiental deveriam se fazer presentes para que temas complexos – como é o caso do conceito em análise – pudessem ser esclarecidos.

A qualificação da informação não é – e nem deveria ser – uma preocupação exclusiva das temáticas ambientais, mas justamente por estas serem bastante complexas e envolverem campos de conhecimento distintos, torna-se necessário dar ênfase à conexão dos fatos e à pluralidade de perspectivas para que os cidadãos possam realmente apreender os significados engendrados nos discursos ambientais. De acordo com Baccheta (2000:19), o jornalismo ambiental “procura desenvolver a capacidade das pessoas para participar e decidir sobre a sua forma de vida na Terra, para assumir em definitivo sua cidadania planetária”, logo necessita dar visibilidade às redes de interesses que envolvem os fatos.

Neste trabalho descritivo-analítico, que envolveu uma pesquisa quantitativa, seguida de uma observação qualitativa, rastreou-se como os três grandes portais de notícia brasileiros construíram o entendimento sobre economia verde no período anterior e durante a Rio+20. Parte-se da compreensão de que tal cobertura jornalística, pela complexidade dos assuntos abordados, deveria preocupar-se com a problematização das questões – ainda que de forma não recorrente, já que não são veículos especializados. Também certo aprofundamento com os temas centrais, no contexto da cobertura da

Rio+20, deveriam estar presentes visto que se criaram subeditorias especiais para tratar do assunto.

A economia verde nos portais de internet

No período de observação – de 10 de abril até 22 de junho – foram publicadas 1.886 matérias nas subeditorias dedicadas à Rio+20, sendo 522 no UOL, 651 no G1 e 713 no Terra. Para a análise, foi utilizado como critério de seleção todas as matérias que apresentassem economia verde no título, o que resultou em um total de 50 matérias: 14 do UOL, 18 do G1 e 18 do Terra.

De modo geral, as matérias analisadas não promovem discussão sobre o tema, tampouco problematizam o conceito. A economia verde, na maioria das vezes, é incluída nos textos como um conceito que está claro ao leitor. O termo é utilizado nas matérias associado a ações ou atividades (empregos verdes, financiamento, tecnologias limpas) e como a solução para a crise socioambiental. Também é recorrente a sua sinonímia com termos como crescimento verde, ecologização da economia e desenvolvimento sustentável.

A análise também mostrou que a maioria das fontes acionadas pelos jornalistas é oficial (especialmente aquelas vinculadas a Governos), cuja atuação no evento foi marcada pela defesa dos interesses político-econômicos dos países, revelando uma prática empobrecida do jornalismo. Os portais de notícias também fizeram uso considerável de material assinado por agências de notícias, o que é bastante comum em sites de internet que precisam manter atualizações constantes de conteúdo. O G1 publicou quatro notícias da *France Press* sobre o tema, o que equivale a 22% do total de conteúdo que levava a expressão no título. O UOL publicou cinco notícias da *Agência Brasil* e uma da *Folha*, o que corresponde a 42% do corpus deste artigo. E o Terra utilizou quatro matérias da *Agência EFE*, cinco da *Agência Brasil*, uma da *EcoDesenvolvimento* e elaborou outra assina-

da “Terra com agências”, o que significa que o conteúdo publicado continha informações via agências de notícias, totalizando 11 matérias, que representa 61% das notícias aqui analisadas.



O jornalismo ambiental busca a inclusão da perspectiva holística e sua conexão inequívoca com o todo, produzindo notícias mais contextualizadas

UOL

O UOL possui a editoria Rio+20 desde 1º de novembro de 2011. Neste portal foram encontradas 522 notícias sobre a Conferência no período de análise. Destas, 56 continham o termo economia verde apenas no texto; 36 no texto e em quadro ou infográfico; 155 apenas em quadro ou infográfico e 14 notícias apresentavam o termo no título. Metade das matérias foi produzida por jornalistas do UOL e as demais de outras agências, especialmente a *Agência Brasil*, mostrando também o baixo esforço de reportagem dedicado à Conferência.

O portal utilizou um quadro explicativo⁴ padrão sobre a Rio+20 contendo seis verbetes: O que é Rio+20, Sustentabilidade, Economia Verde, Fora PIB, Sem protocolos e ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável). Cada verbete contém uma explicação resumida sobre o tema e sua importância na Conferência. O quadro, repetido na maioria das notícias, apresenta uma definição básica sobre o que é economia verde: “é a que se opõe à eco-

⁴ Sua repetição em quase todas as notícias de alguma forma relacionada à Conferência explica a existência de 155 notícias que não citam “economia verde” em nenhum momento no restante do texto. Muitas delas não têm relação alguma com a discussão econômica.

nomia marrom (a atual), ou seja, seria uma economia mais preocupada com a preservação do ambiente e sem o intenso uso de combustíveis fósseis como carvão e petróleo que são altamente poluentes”. Além disso, informa ao leitor que economia verde é um dos temas centrais da Rio+20; que há pouco consenso entre os países sobre sua definição; e que as principais críticas são feitas por ONGs, acadêmicos e cientistas, relacionando economia verde à produção e ao consumo capitalista.

A crítica anticapitalista à economia verde aparece em quatro matérias do G1, citando-se apenas fontes contrárias ao conceito

Fora deste quadro, a explicitação de uma definição sobre o que é EV aparece majoritariamente na voz das fontes. Em metade das notícias (sete) apenas uma fonte foi citada, e, em todos esses casos, a fonte era governamental (diplomata, embaixador, chefe de estado, representante do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente – Pnuma – ou da Organização das Nações Unidas – ONU). Em apenas uma notícia aparece uma definição dada pelo veículo/jornalista, situando a EV em oposição à economia tradicional ou marrom: “Grosso modo, a primeira [marrom] é o sistema produtivo atual, poluente e baseado em combustíveis fósseis; a outra [verde] preconiza uma baixa emissão de carbono e um uso mais eficiente dos recursos naturais” (*Transição da economia “marrom” para “verde” está longe de ser consenso, 07/06/12*).

Das 14 notícias analisadas, apenas três mostram claramente a crítica ao conceito de economia verde conectado com o capitalismo. A primeira *Transição da economia “marrom” para “verde” está longe de ser consenso*

(07/06/12) mobiliza três fontes para mostrar as divergências de entendimento sobre o conceito: o chefe do Departamento de Economia e Comércio do Pnuma, Steven Stone, o embaixador brasileiro Luiz Alberto Figueiredo, defendendo o entendimento oficial sobre o termo, e um dos líderes da Cúpula dos Povos, Pedro Ivo, embora a crítica não esteja posta em uma declaração desta fonte, mas resumida da seguinte forma: “As ONGs alegam que o conceito proposto nada mais é que uma tentativa de ‘pintar de verde’ o neoliberalismo”.

No dia 16 de junho, o veículo publicou *Não há economia verde que resista ao estímulo ao consumo de hoje em dia, diz Fábio Feldmann*. Nesta, os problemas da EV são apresentados através da fala do ecologista e ex-secretário do Ambiente do Estado de São Paulo, que critica o estímulo ao consumo para superar a crise econômica. “No Brasil, a medida contra a crise foi o corte nos impostos dos automóveis, estimulando as compras. Até 2030, segundo pesquisas, teremos três bilhões de pessoas na nova classe média. Assim, não há economia verde que resista”, ressalta”. A matéria ainda traz outras duas fontes civis de outros países, que dão voz às críticas de dimensão ética.

A terceira, publicada no dia 21 de julho, já durante a Conferência, repercute o pronunciamento do presidente boliviano Evo Morales: *Evo critica capitalismo na Rio+20: Economia verde privatiza a riqueza e socializa a pobreza*. Morales reitera que o sistema capitalista é o principal causador da crise ambiental que o planeta enfrenta, ataca o conceito de economia verde que, segundo ele, “privatiza a riqueza e socializa a pobreza” e é “o novo colonialismo a submeter os povos”. Para ele, os países do Sul “carregam sobre seus ombros a responsabilidade de proteger os recursos naturais que a economia do norte destruiu”. Ele também menciona a economia verde como “uma nova cor para subjugar os povos sob o sistema do capitalismo”. O discurso de Morales repercutiu igualmente nos dois outros portais observados.

G1

Neste portal foram encontradas 651 notícias sobre a Rio+20, sendo 91 delas com a ocorrência do termo economia verde. Destas 91, 71 tinham o termo apenas no corpo do texto e 18 traziam o termo no título, duas das quais traziam o termo apenas título e nenhuma vez no restante do texto. Sete matérias do corpus selecionado para análise citam apenas uma fonte e, mesmo quando há mais fontes, não há contraponto ou discussão, todas as declarações convergem para o mesmo ponto de vista.

A definição sobre o que é economia verde feita pelo próprio veículo aparece apenas no glossário com os principais termos que seriam usados durante as negociações, publicado no dia 16/05/12 e incorporado em outras notícias. Nele, economia verde é apontada como “conceito cuja definição está em debate na Rio+20” e que “gira em torno de oportunidades de negócios que levem em conta os conceitos do desenvolvimento sustentável”, destacando a relação do lucro com a apropriação da natureza.

A crítica anticapitalista ao conceito de economia verde aparece em quatro matérias, todas elas citando apenas fontes contrárias ao conceito. Na primeira, *Rio+20 definirá economia verde para “ajudar capitalismo”, dizem ONGs* (09/05/12), a discussão sobre o que é economia verde é posta como algo que ocorre “em benefício das grandes corporações e tem o objetivo de ‘salvar o capitalismo’”, evidenciando o ponto de vista das ONGs. Segundo a matéria, ainda não há uma definição certa do que seja economia verde, mas o coordenador da Cúpula dos Povos afirma que “o termo se ideologizou, virou rótulo de que é para salvar o capitalismo. Temos que discutir [...] e deixar de atender os interesses das grandes corporações”.

A segunda, *Representantes da Cúpula dos Povos criticam “economia verde” no Rio* (13/05/12), fala sobre os protestos programados durante a Cúpula, explica que os debates da sociedade irão “girar em torno da

rejeição à mercantilização da natureza e ao que chamam de ‘economia verde’” e expressa a crítica na voz da ativista mexicana Silvia Ribeiro: “O que eles chamam de ‘economia verde’, na verdade, continua calcado na exploração da natureza, é um novo nome para o capitalismo”.

Durante a Conferência, no dia do pronunciamento do presidente boliviano Evo Morales, a crítica anticapitalista apareceu em duas matérias no dia 21 de junho: *A “economia verde” é o novo colonialismo dos países ricos, denuncia Morales*, com as declarações do presidente boliviano e *Denúncias contra “economia verde” dominam 2º dia da Rio+20*, que, além de Morales, cita que os discursos de Rafael Correa (Equador) e Juan Manuel Santos (Colômbia) criticaram a economia verde, além mobilizar fontes do Greenpeace e WWF discutindo o tema. O curioso desta matéria é que a crítica é verbalizada na voz de uma fonte coletiva, “centenas de indígenas de todo o mundo”, dizendo que “A economia verde é nada menos que o capitalismo da natureza (...) uma economia baseada na destruição do meio ambiente” e “a continuação do colonialismo ao qual os povos indígenas e nossa Mãe Terra resistiram durante 520 anos”.

Nas demais matérias permanece a ideia ligada ao crescimento, como “a economia verde é um instrumento para se chegar ao desenvolvimento” (“*Economia verde*” divide negociações na Rio+20, diz embaixador); solução para os problemas sociais ao “incluir milhões de pessoas, ajudando-as a superar a pobreza e proporcionando melhores condições de vida para esta e futuras gerações” (“*Economia verde*” pode gerar até 60 milhões de novos empregos, diz OIT, 31/05/12) – o mesmo argumento usado para alavancar a ideia de desenvolvimento sustentável há 20 anos.

É válido mencionar que o G1 utilizou aspas na expressão economia em grande parte das notícias – diferentemente do Terra que utilizou somente três vezes e do UOL que não fez uso do recurso. No G1, das 64 vezes que o

termo aparece, seja nos títulos ou nos textos, 23 vezes EV está entre aspas, sendo que a expressão é posta assim na metade dos títulos analisados (nove). Para além de uma quebra da padronização das notícias, é importante observar que este recurso, mais que colocar em evidência o citado termo, é bastante utilizado para grifar expressões irônicas ou que tenham sentido figurado. Desta maneira, o G1, de maneira sutil, transmitiu em muitas matérias a existência de um não consenso, de dúvida ou de desconforto com este conceito.

● Terra

O portal Terra publicou, no período observado, 713 matérias, sendo que destas 468 citaram, ao menos uma vez, a expressão economia verde. Deste número, selecionaram-se para uma análise aquelas em que o termo era destacado no título, reduzindo o universo a 18 matérias. Em primeiro lugar, sublinha-se que as negociações em torno do documento resultante da Conferência tiveram considerável espaço na cobertura do Terra, com destaque à dificuldade em encontrar consenso quanto às metas de desenvolvimento sustentável e à criação de um organismo multilateral. Em geral, as matérias mostram a economia verde como um novo ramo a ser explorado pelo mercado e uma oportunidade de crescimento econômico, com benefícios políticos e simbólicos.

Com relação às fontes por matéria, o corpus deste portal foi o menos variado: 12 das 18 matérias analisadas foram produzidas com uma única fonte e, destas, nove eram fontes ligadas a governos ou à ONU. Quatro notícias de agências foram igualmente publicadas pelo portal UOL, apenas com leves edições de título.

Diferentemente dos outros portais, o Terra não fez um exercício de definição sobre o que é economia verde para os leitores e todas as referências aparecem nas vozes das fontes. Dentro das 18 matérias selecionadas para análise, a partir do dia 14 de junho aparece

um conteúdo fixo no final de todas as matérias, uma retranscrição com o título Rio+20 e contendo três parágrafos que explicam ao leitor o que é o evento, seus objetivos e procedimentos. Nesta retranscrição, a única referência à economia verde limita-se a dizer que esta é o foco principal da Conferência.

As críticas à economia verde apareceram através do pronunciamento de alguns líderes, como o ministro de Finanças da África do Sul, Pravin Gordhan, e de Evo Morales. Nas matérias *Economia verde traz riscos para países pobres, diz África do Sul* (21/06/12) e *Economia verde é mais uma forma de colonialismo* (21/06/12) argumenta-se que o modelo econômico é arriscado para os países menos desenvolvidos, uma vez que não modifica o sistema de desigualdade capitalista, e o presidente boliviano apontou o modelo como privatização da natureza e criticou que as “nações pobres” tenham que suportar a proteção à natureza. Existe, portanto, a crítica, mas sempre na posição de contraponto à ordem dominante.

Em Rio+20: grupo lança campanha *Não à Economia verde* (09/05/12), aparece a principal crítica dos movimentos socioambientais, de que o objetivo é “pintar de verde a mesma economia que nós conhecemos e que gerou o impacto ambiental”. Em *Cúpula dos Povos rejeita conceito de economia verde da Rio+20* (13/05/12), a ativista mexicana Silvia Ribeiro já citada acima, na descrição do conteúdo do G1, aparece dizendo que a economia verde é um “disfarce para mais negócios e mais exploração dos ecossistemas” e uma “solução falsa dizer que vai se resolver tudo com tecnologia, em vez de se ir às causas para baixar as emissões do efeito estufa, os padrões de produção e o consumo”. A matéria, assinada por repórter do veículo, é bastante similar a *Representantes da Cúpula dos Povos criticam “economia verde” no Rio*, já destacada na análise do G1 e igualmente assinada por repórter daquele veículo.⁵

⁵ Provavelmente ambos os repórteres estavam cobrindo o mesmo evento.

Também aparecem as declarações de que a economia verde é “mercantilização da natureza” (*Rio: mulheres fazem passeata contra a economia verde no centro*, 18/06/12); “‘mentira’ ou uma ‘máscara’ para criar uma nova bolha financeira” (*ONGs apontam seus dardos para a economia verde da Rio+20*, 20/06/12). Não há, nestas matérias, debate quanto à motivação do posicionamento das ONGs, somente citam-se as críticas. Este movimento de listar posições políticas limita a profundidade da cobertura e não promove a compreensão dos atritos e debates.

O destaque é para os benefícios da economia verde, sem mencionar impactos sociais ou problematizar a mercantilização do verde, como na matéria *Empresas que apostam na economia verde têm mais ganhos, diz ONU* (16/06/12): “As empresas que adotam medidas ambientalmente sustentáveis podem ter significativos ganhos de escala, e, conseqüentemente, econômicos, com impactos positivos nos resultados financeiros”. Assim, a macroeconomia e a visão capitalista estão presentes na maior parte do corpus selecionado para análise.

● Considerações finais

No geral observa-se que o evento político teve maior destaque na cobertura dos três portais, não permitindo ao leitor uma compreensão mais aprofundada quanto ao conteúdo e às ações ligadas à economia verde. O termo aparece nas declarações oficiais e nas críticas do terceiro setor, mas restringe-se à controvérsia relacionada à posição de ambientalistas frente ao conceito hegemônico. Ainda que a Rio+20 tenha tido íntima relação com diversos aspectos ambientais, o enfoque das matérias analisadas não foi este.

As possíveis interpretações e os usos da EV não são claramente definidos, bem como os motivos para a contestação dos ambientalistas. Assim, nota-se que o conceito aparece nos textos, mas seu conteúdo (o que ele significa) não é construído nas matérias pelos jornalis-

tas, o que é uma característica que pode ser notada no jornalismo online, com seu ritmo de cobertura, no qual as declarações são mais evidentes que a contextualização dos fatos. Esta velocidade também pode estar relacionada ao fato de que boa parte dos textos apresenta uma única fonte, geralmente as chamadas oficiais ou representantes de grandes organizações da sociedade civil, em geral dotadas de



*Em geral,
as matérias do Terra
mostram a economia
verde como
uma oportunidade
de crescimento
econômico*

um bom serviço de assessoria de imprensa.

Há uma grande confusão conceitual tanto na construção das matérias quanto nas declarações de várias fontes, sendo o termo economia verde simplesmente substituído por crescimento verde, ecológica da economia e desenvolvimento sustentável – que não podem ser usados como sinônimos. A economia verde aparece majoritariamente como novo setor econômico, apoiado em novas tecnologias, com geração de novos negócios, empregos, investimentos. Ela é inserida nos textos sem qualquer reflexão sobre as discussões que atravessam seu conceito, mas apenas como oportunidade de negócios. O tom crítico das ONGs e movimentos sociais – trazendo questionamentos em relação à qualidade de vida e à autonomia das nações mais pobres que, normalmente, são pouco ouvidas em decisões internacionais e podem ser ainda mais castigadas com a “transição para a economia verde”, – é pouco expressivo numericamente.

As matérias veiculadas durante a Rio+20, apesar de contribuírem para a ampliação da

divulgação da temática ambiental, não despertam a consciência ambiental do cidadão, pois as informações são fragmentadas e não qualificadas. Os veículos ainda não acordaram para a necessidade da inclusão da complexidade, nem alteraram o seu olhar fragmentado. Nenhum dos três portais observados demonstrou preocupação em realizar uma cobertura mais profunda ou que se diferenciasse de outras não centradas na temática ambiental.

Urge abrir espaço para um jornalismo que combine conceitos provenientes das ciências naturais e das sociais e ofereça um instrumental analítico mais condizente com critérios de sustentabilidade e com a preservação

da vida. Acredita-se que, se alguns elementos do jornalismo ambiental fossem absorvidos na cobertura analisada, a ideia de economia verde poderia ser informada com mais qualidade e haveria mais argumentos para discuti-la. A corrida contra o tempo e/ou a desinformação dos jornalistas não permitiu o contraponto e as fontes falaram sozinhas. Logo, os jornalistas tornaram-se porta-vozes do discurso hegemônico que prioriza a economia calcada na mensuração dos impactos negativos causados pelo sistema econômico em detrimento de uma economia que pense nos limites físicos do planeta, prejudicando o interesse público.

(artigo recebido jan.2013/ aprovado mai.2013)

Referências

ANDRADE, Daniel Caixeta. "Economia e meio ambiente: aspectos teóricos e metodológicos nas visões neoclássica e da economia ecológica". **Leituras de Economia Política**. Campinas, v. 11, n. 1, 2009, p. 1-31.

BACCHETA, Victor L. "El periodismo ambiental". In: BACCHETA, Victor L. **Ciudadania planetária**. Montevideo: International Federation of Environmental Journalists, 2000, p. 17-21.

BRASIL, 2012. Rio+20: conferência das Nações Unidas sobre desenvolvimento sustentável. Disponível em http://www.rio20.gov.br/sobre_a_rio_mais_20. Acesso em 9/06/2012.

DALY, Herman. **A economia ecológica e o desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1991.

GIRARDI, Ilza; LOOSE, Eloisa; MASSIERER, Carine; SCHWAB, Reges. "Jornalismo ambiental: caminhos e descaminhos". Anais do VII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. São Luís: UFMA, 2010.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

TRIGUEIRO, André. "Meio ambiente na idade média". In: TRIGUEIRO, André (Org.). **Meio Ambiente no Século 21: 21 especialistas falam da questão nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.